

CBD0247 Introdução à Museologia - Trabalho Final

“O Museu e sua trajetória pela História e suas mudanças –
Ênfase nos perfis de seus visitantes”

Laura de Medina Barros, Nº USP: 7155997

O museu nem sempre existiu, é algo relativamente recente, de uns 200 anos para cá. Podemos considerar um começo para esta história nos gabinetes de curiosidade (ou *Wunderkammern*) dos séculos XVI e XVII, onde se colecionava uma sorte de objetos adquiridos nas grandes explorações e descobrimentos. Com o tempo, nos séculos XVIII e XIX, esses gabinetes foram perdendo lugar com o advento das instituições oficiais e coleções privadas. Os museus de arte advêm destes gabinetes e das galerias (coleções particulares do século XVIII) dos reis e nobres de toda a Europa.

As coleções desses *Wunderkammern* apresentavam objetos de arte e da natureza. E essas coleções destes “gabinetes (...) protagonizaram uma rede de comércio, correspondência e turismo. Era comum a publicação de catálogos com indicações sobre os principais gabinetes e, em alguns casos, algumas regras de etiqueta aos visitantes”^[3]. Isso pode-se relacionar com o que diz “Schwantes (2002), em seu trabalho sobre o Museu de Ciência e Tecnologia da PUC RS discorre sobre as relações de poder e saber baseada em conceitos de Foucault, e afirma, dentro desse contexto, que as exposições, procuram controlar os sujeitos: ‘Inicialmente, as exposições procuram controlar os sujeitos. Segundo Foucault, o poder pode ser considerado como ação sobre ações. Nesse sentido, o que ele faz é conduzir as condutas alheias, estruturar o campo de ação dos outros, sendo que este campo de ação está vinculado às verdades de cada época (Schwantes, 2002, p. 130)”^[3].

Isso mostra que não é só a similaridade física (a ação de colecionar e a expor) que os gabinetes de curiosidade se assemelham aos museus modernos, podendo considera-los pais ou avôs do museu moderno, mas também “pela existência de regras de conduta para os espectadores, sinalizando uma sociedade disciplinar embutida de mecanismos que visam formatar sujeitos para os regimes de verdade de sua época”^[3]. Essa dinâmica se assemelha a tradicional dinâmica que ainda se pode ver ainda hoje em muitos museus, a de ordenar as exposições de forma que tenha um começo e um fim e um caminho bem estabelecido que deverá ser seguido pelo visitante, convenções essas que estão tão embutidas que nem tomamos consciência delas. E também do uso dos museus como meios de ensinar “os regimes de verdade de sua época, esse caráter nasceu com o museu e passou por várias mudanças até os dias de hoje. – Esse tema será retomado e aprofundado mais adiante. Se atentarmos para quem visitava esses lugares, veremos que são a aristocracia, pois o ato de observar e admirar objetos curiosos, raros e maravilhosos eram considerados um atributo importante para identificar um homem realizado e bem sucedido^[3].

O próximo passo na História é o final do século XVIII, A Revolução Francesa, onde ocorre uma mudança radical no entendimento de coleções e expor essas coleções dando início ao primeiro museu moderno.

Com a Revolução Francesa (RF) houve uma ruptura com o chamado Antigo Regime (A Monarquia Absolutista, onde todo o poder era concentrado e centralizado no rei). Em um primeiro momento da RF houve toda a desapropriação dos bens do rei e da Igreja, e como forma desesperada de cortar o Antigo Regime da história daquele povo começou a fase do vandalismo aos bens confiscados da Igreja e do rei. Em contrapartida, algumas pessoas, do governo provisório durante a revolução, pensavam de modo diferente: de que devia sim preservar esses bens, pois eles já não pertenciam mais à Igreja ou ao rei, mas sim ao povo, à França, e faziam parte da história do povo, da França. Para isso teve um esforço para destituir esses bens de seus significados originais e dar outros novos, por exemplo, os bens imóveis poderiam abrigar outras instituições do novo governo ou servirem para a aprendizagem histórica do país como também das técnicas utilizadas para a sua construção para jovens artistas, engenheiros e arquitetos; já para os bens móveis que viriam a ser acondicionados em depósitos provisórios e depois nos definitivos que iriam ser abertos ao público consagrado com o recente nome “Museum” ou museu – “Este tem como função servir à instrução da nação. Reunindo obras de arte, além de, em consonância com o espírito enciclopedista, objetos das artes aplicadas e máquinas, os museus ensinarão civismo, história, assim como competências artísticas e técnicas. Essa pedagogia é concebida, de imediato, em escala nacional”^[4]. O museu nasceu enciclopédico, museu de arte junto ao museu de história e museu de técnicas/máquinas juntos em um mesmo lugar, servindo como plataforma de ensino, aprendizagem artística, técnica, histórica e cívica. Contudo, com o caos

da revolução e a instabilidade política, “*penúria financeira, inexperiência e imaturidade em matéria museológica impediram a realização dessas grandes ambições*” [4].

Deste período o Louvre foi o único triunfo e sucesso, já que era simbólico, onde foram todas as riquezas artísticas obtidas em campanhas de guerra e advindas dos bens confiscados do rei e da Igreja. Como Napoleão Bonaparte (Napoleão I) voltando-se prioritariamente para os museus e com Vivant Denon, o Louvre tornou-se o primeiro museu moderno. O Louvre passou a ser museu em 10 de agosto de 1793. O público podia então visitar e ver as antigas coleções reais e coleções advindas de toda a Europa (trazidas por Napoleão Bonaparte como espólio de suas campanhas nas chamadas Guerras Napoleônicas) [5]. O público não era mais a aristocracia, nobres e reis de outros países, mas o povo francês podia, agora, visitar e ver as grandes coleções. Porém, ainda o acesso não era universal, quem podia visitar eram aquelas que podiam pagar, ou seja, a burguesia.

Durante o século XIX foram inventados os “*periode rooms*” que consiste em uma montagem expográfica que proporciona um cenário para caracterizar e criar uma atmosfera de um tempo passado, também servia para mostrar como era tal época em um cômodo. É como se a pessoa entrasse em outro tempo, em outra época ao cruzar o batente da porta.

No século XX houve um aumento considerado de pessoas frequentando os museus. Embora que quem frequentava esses museus ainda eram as camadas mais abastadas e com mais oportunidade de se aprofundarem na educação escolar. O maior número de visitantes em museus na Europa por volta da década de 60, por exemplo, pertenciam ao que se pode chamar de elite intelectual. Mas ainda continua representantes das classes mais populares (trabalhadora), mas eram poucos percentuais. Os museus (de arte) eram considerados templos da arte, sacralizando as obras de arte, então, para se ter total experiência que o museu pode dar necessita de ter características pré-estabelecidas (dons, ou conhecimentos adquiridos pela experiência, pela escola e/ou família), isto é, não é para qualquer pessoa. Os museus são abertos a todos, fisicamente, mas são poucos que usufruem de tudo que o museu tem para dar, fora que apesar de estar aberto [6], ele ainda intimida as pessoas que não tem o costume de frequentar esses lugares, dificultando adicionalmente a entrada espontânea de um público não regular.

Já no Brasil na mesma época também vemos o que Bourdieu firma, mas podemos vislumbrar algumas mudanças. Na arquitetura, essas mudanças já vinham aos poucos com Le Corbusier e seu legado transformado pelo nosso famoso arquiteto Oscar Niemeyer. Principalmente com a arquiteta italiana modernista vinda ao Brasil por conta de traumas pela Segunda Guerra. Ela uniu sua experiência na Europa com a cultura popular e tradicional do Brasil e transformou o modo de ver e construir museus. Lina fez uso (e gostava) de técnicas, ideias, soluções arquitetônicas e de construção antigas e tradicionais da cultura popular; ela pensava primeiro nas pessoas e depois na construção como foi observado na exposição “*A Arquitetura Política de Lina Bo Bardi*” no Sesc Pompéia (de 08/10/2014 a 14/12/2014). Ela inovou não só na arquitetura em si (como no Museu do Unhão e no MASP), mas também na forma de expor e na forma de montar as exposições tanto nos museus como em exposições de curta duração em outros locais que não o museu, como pôde ser observado na exposição “*Maneiras de expor: Arquitetura expositiva de Lina Bo Bardi*” no Museu da Casa Brasileira (de 16/08 a 09/11 de 2014).

Lina deixa a arte erudita e a popular (artigos produzidos artesanalmente por população de baixa renda e tradicional) acessível a todos. Por exemplo, o MASP desde a sua criação até a primeira metade da década de 90 e o Museu do Unhão e as exposições que ela criou no SESC Pompéia. Ela tinha uma atenção para o que hoje é chamado de educativo, de como expor o acervo ou obras de uma exposição de curta duração para alguém que não necessariamente esteja familiarizado. Isto é revelado, por exemplo, pelos icônicos cavaletes de vidro de Lina do MASP, que na frente tinha o quadro e atrás tinha um painel explicativo com informações sobre a obra, sobre o autor e exemplos de outras obras do autor; além disso através dos cavaletes podia se ver os outros quadros. Outra revolução foi na expografia das exposições no MASP: a disposição das obras, ela não respeitava ordem cronológica, de escolas artísticas ou mesmo dos artistas, ficava a cargo do visitante montar sua visita, montar seu guia de visita, ele podia começar por onde quisesse, fazer o caminho que melhor lhe apetecia, ver as obras que quisesse. Isso chocava os mais conservadores, não foi à toa que na segunda metade da década de 90 isso mudou, o MASP se tornou mais um museu “*Cubo Branco*”, hoje eu diria que viveu um “*Cubo Colorido*”, pelas

paredes e painéis não serem brancos, mas em cores escuras e neutras que mudam de acordo com um tema pré-estabelecido pela curadoria das exposições, mas continuam assépticos, só com as obras e uma pequena etiqueta ao lado. Hoje as exposições têm um caminho pré-escolhido a percorrer, mas não é tão explícito, deixando ainda aos mais corajosos e subversivo percorrer pelo caminho oposto (do final para o começo). Com a mudança da diretoria temos a esperança do MASP retornar às suas origens e retornar a ser o museu da qual foi idealizado e construído.

Chegando aos dias de hoje, século XXI, vemos ainda o tradicional resistindo, porém, cada vez mais o museu vem atingindo mais pessoas e camadas distintas. Seja por museus sobre assuntos mais próximos e palpáveis (por exemplo, o Museu do Futebol), seja lançando mão de novas tecnologias para atrair as crianças e os jovens (exemplo, Museu da Língua Portuguesa), ou mesmo se utilizando de novos conceitos em conjunto a novas técnicas para atingir aqueles que nunca poderiam usufruir, deficientes visuais (por exemplo, a Pinacoteca com parte de seu acervo pictórico reproduzido em miniaturas tridimensionais para os deficientes visuais). Tem-se dado mais atenção ao público e a aumentar esse público alvo dos museus, atingir camadas e pessoas que nunca se imaginavam que iria a vir frequentar os museus. Tem-se buscado convergir a comunidade/sociedade onde o museu se encontra com o próprio museu.

A conferência do ICOM em 2013 mostra em suas palestras e seminários, de forma geral, essa tendência, de olhar mais para o visitante do que para o acervo, para as coleções, para as obras de arte. Com isso poder abrir realmente e verdadeiramente os museus para todos sem exceção. Uma forma de aproximar as pessoas dos museus, além da já citada no parágrafo acima, é usar os acervos e coleções para problematizar as questões e problemas vividos pelas sociedades onde esses museus estão inseridos – isso para todos os museus, independentemente o tipo.

Para exemplificar e sugerir, os museus de arte podem problematizar as influências e confluências entre as obras expostas e o espaço (o local da exposição, onde as obras estão expostas, a cidade e/ou país onde essas obras estão expostas), pois por mais asséptico seja o espaço, “Cubo Branco”, há sempre influências do local/do espaço onde elas se encontram, como foi pensado em uma das aulas; ou outra pensada durante a elaboração deste trabalho, problematizar as mudanças das visões de certos acontecimentos, hábitos, valores de acordo com a História, países/lugares, culturas, estilos, entre artistas (contemporâneos entre si e/ou de épocas diferentes).

O Conhecimento, nas Artes e nas Ciências, e a Cultura devem ser de todos, que sejam alcançáveis a todo e qualquer ser humano. Os museus, sendo locais onde guardam, perpetuam, conservam e divulgam de forma diferenciada que as escolas e universidades devem ser de todos e para todos. Para isso não devemos nivelar os museus por baixo ou por cima, nossos museus devem refletir nossas diferenças e diversidade tanto no perfil dos visitantes como em suas exposições (curta e longa duração), expografia, arquitetura e etc.

Bibliografia:

- [1] Malraux, André; “*As Vozes do Silêncio – Volume 1: O Museu Imaginário e As Metamorfoses de Apolo*”, Livros do Brasil, págs. 9-124 (Primeira Parte – O Museu Imaginário), Lisboa, sem data
- [2] www.centrocultural.sp.gov.br/CCSP+_gabinete_curiosidades.html (Acessado em 01/12/2014)
- [3] Gonçalves, Maria Lívia C. M. Ramos; Amorin, Antônio Carlos, “*Gabinetes de Curiosidades: Paradoxos das Maravilhas*”, VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (VIII ENPEC), Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC), UNICAMP, 2011
- [4] Choay, Françoise, “*A Alegoria do Patrimônio*”, Editora UNESP e Estação Liberdade, págs.95-123 (Capítulo 3), 2001
- [5] Braga, Cristina; Garotti, Gustavo; Corteze, Késia; Freiria, Thaís, “*Museu do Louvre – Revista Louvre, Museu de Arte*”, Centro de História da Arte e Arqueologia, Trabalhos para a Disciplina Laboratório e História II, UNICAMP, 2010
- [6] Bourdieu, Pierre; Darbel, Alain; Schnapper, Dominique (colaboração); “*O Amor pela Arte – Os Museus de Arte na Europa e seu Público*”, EDUSP e ZOUK, págs. 7-169, 2003.
- [7] Barros, Laura de Medina, “*Relato Crítico 3 - Lina Bo Bardi (exposições no Museu da Casa Brasileira e Sesc Pompeia) e Pina Bausch (filme)*”, Disciplina Introdução à Museologia (Prof. Martin Grossmann), ECA USP, 2014
- [8] Exposição “*Maneiras de expor: arquitetura expositiva de Lina Bo Bardi*” no Museu da Casa Brasileira, visitação de 16/08/2014 a 09/11/2014.
- [9] Exposição “*A Arquitetura Política de Lina Bo Bardi*” no Sesc Pompéia, visitação 08/10/2014 a 14/12/2014.
- [10] MENEZES, Ulpiano Toledo Bezerra, “*O museu de cidade e a consciência da cidade*”, In: *Museus e cidades*, Org. Afonso Carlos Marques Santos [et al], Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003
- [11] Barros, Laura de Medina, “*Relato Crítico 2 – Documentos sobre a 23ª Conferência Geral do ICOM 2013 presentes no site Fórum Permanente – Ulpiano T. B. de Menezes, Jorge Melguizo, José Wisnik e Mia Couto*”, Disciplina Introdução à Museologia (Prof. Martin Grossmann), ECA USP, 2014
- [12] Barros, Laura de Medina, “*Relato Crítico – Fausto, Underground, Arca Russa; Museu do Imaginário, Amor pela Arte, On The Museum’s Ruins*”, Disciplina Introdução à Museologia (Prof. Martin Grossmann), ECA USP, 2014
- [13] Aulas ministradas pelo Prof. Martin Grossmann da Disciplina Introdução à Museologia de Agosto a Novembro de 2014, ECA USP.